



10º Simposio de Ensino de Graduação

SURDEZ E A PRODUÇÃO CIENTÍFICA FONOAUDIOLÓGICA

Autor(es)

LAIRA VIEIRA GOMES

Co-Autor(es)

REGINALICE CERA DA SILVA

Orientador(es)

SAMANTHA CAMARGO DAROQUE

1. Introdução

A atuação fonoaudiológica tem um papel muito importante no que se refere ao atendimento de pessoas surdas e nas discussões geradas sobre as concepções pelas quais seguem em relação à surdez. Os sujeitos surdos ainda são vistos com outros olhos pelos diferentes profissionais que irão atuar seguindo concepções e visões diferenciadas que poderão levar ou não a determinados desenvolvimentos de linguagem e comunicação destes sujeitos. As escolhas podem acarretar aos sujeitos surdos uma maior chance em desenvolver-se cognitivamente e linguisticamente se considerarmos uma perspectiva bilíngue ou ao contrário, uma escolha que não possibilite o desenvolvimento da linguagem e autonomia destes sujeitos, podendo gerar alguns déficits nestes aspectos possibilitando mais, ou menos, um desenvolvimento no geral. A surdez é um tema bastante discutido atualmente e vem sendo abordado desde a antiguidade. Segundo Lacerda et al. (2000) as pessoas surdas eram consideradas como seres incapazes e não pensantes, e somente por volta do século XVI que alguns pedagogos aceitaram trabalhar com os surdos e perceberam que eles eram capazes de apreender, desenvolver pensamentos e se comunicar com os ouvintes. Por volta de 1750 surgiram estudos sobre de qual forma seriam tratadas as pessoas surdas e então surgiu o método alemão criado por Heinicke, o qual fundou o método nomeado Oralismo, que considerava que os surdos só conseguiriam obter pensamentos através da língua oral. Passaram-se alguns anos e outros pesquisadores foram implementando este método e o tornando conhecido e apreciado no meio médico e educacional. Já em 1757 o Francês Charles Michel De LÉpée foi o primeiro a desenvolver uma estratégia educacional que considerava que os surdos possuíam uma língua que servia para propósitos comunicativos e que não deveriam perder tempo para a realização da oralização, tempo este que deveria ser gasto na educação. Através de uma forma modificada da Língua de Sinais ele ensinava os surdos a ler e a escrever o Francês. (MOURA,LODI, HARRISON, 1997). Dessa forma os surdos foram sendo reconhecidos como seres pensantes capazes de ter uma língua e uma independência linguística. Começaram a desenvolver a língua de sinais Francesa na comunidade surda local e passaram a levar alguns adeptos, considerando a língua de sinais naturais dos surdos, servindo de base também para a criação da língua de sinais de alguns outros países posteriormente. Os surdos haviam conquistado o desenvolvimento de uma identidade, reconhecimento da língua de sinais e ensino com acesso real aos conhecimentos. Algum tempo depois no ano de 1880 em Milão houve um Congresso que modificou totalmente a visão e condutas diante a educação dos surdos e sobre o uso das línguas de sinais como língua. Fez com que os que trabalhassem com surdos divulgando e usando-a, fosse banidos, tendo que desconsiderar nas escolas e na comunidade surda esta uma forma de comunicação natural dos surdos. Passaram a considerar e aceitar somente o método de articulação para instrução na educação e comunicação vigente na comunidade ouvinte. Esse método veio ser chamado de Oralismo, se modificando com os anos e adotando novas técnicas, perdurando até os dias atuais. Por volta de 1900, foram descobertas novas técnicas visando o método oral, trabalhando sobre as questões de desenvolvimento da oralidade e da audição através da adaptação de

próteses auditivas e novas tecnologias. Nesse período que os médicos e posteriormente os fonoaudiólogos começam implementar métodos e concepções clínicas junto às visões educacionais para o atendimento terapêutico de surdos. Os surdos foram submetidos por anos às abordagens clínicas e a práticas pedagógicas que buscavam o apagamento da surdez o Oralismo, por meio da tentativa de restituição da audição pelo uso de aparelhos de amplificação sonora, tem o objetivo de levá-los ao desenvolvimento da linguagem oral a partir de técnicas mecânicas e descontextualizadas de treino articulatório (LODI e MOURA, 2006). Nesta proposta, a surdez é concebida como uma patologia que deve ser curada, levando a criança à tentativa de normalidade e na tentativa de se integrar à comunidade ouvinte aliás, uma falsa concepção de que assim haveria integração. (DAROQUE, 2011) Passaram-se anos até que os surdos pudessem ter a chance em voltar a usar a língua de sinais e foi na década de 60 que surgem alguns estudos sobre a Língua de Sinais (Lodi, 2000). O pesquisador Stokoe foi quem revelou um estudou sobre as questões linguísticas da Língua de Sinais Americana (ASL) colocando-a num status de língua cientificamente comprovada comparando-a com a língua oral. Isso fez com que houvesse movimentos a favor do reconhecimento da Cultura, Comunidade e Identidade do Surdo, além de mobilizar os estudiosos e responsáveis pela educação deles para uma reformulação, criando então o Bilinguismo. (MOURA,LODI, HARRISON, 1997). Segundo Lacerda et al. (2000) a língua de sinais é a língua natural dos surdos aprendida como primeira língua, o que possibilita a eles uma comunicação eficiente e completa como a desenvolvida pelos ouvintes. Quando a pessoa surda sinaliza ela desenvolve suas capacidades linguísticas. O atendimento fonoaudiológico de surdos começou partindo dos atendimentos clínicos mediados por terapias com uma visão médica de reabilitação do sujeito, a fim de colocá-los o mais próximo de uma normalização e apagamento da surdez. A fim de melhor compreender como estão sendo realizadas as pesquisas e publicações na área de atuação fonoaudiológica sobre estas diferentes visões e atuações dos profissionais nos principais meios em que estão as discussões relacionadas à surdez, este estudo se faz relevante por nos possibilitar refletir sobre como os profissionais da área atuam e produzem materiais em suas atuações com surdos, notar estas comparações de concepções e visões práticas que estão acontecendo nos últimos tempos no meio profissional e como essa atuação pode vir a interferir na educação e na vida social desses sujeitos.

2. Objetivos

Este trabalho terá por objetivo Caracterizar a produção Nacional dos trabalhos publicados no Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia e do Congresso Nacional de Educação Especial, identificando as concepções de linguagem utilizadas, a visão de sujeito e as práticas que assumem ao trabalhar com sujeitos surdos.

3. Desenvolvimento

A pesquisa foi realizada através de uma pesquisa de resumos dos anais do Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia apresentados nos últimos quatro anos, sendo do ano de 2008 a 2011, encontrados no site -<http://www.sbfa.org.br/portal/>. Foram pesquisados também, os trabalhos inscritos no VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial de Londrina do ano de 2011, encontrados no site: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/201>. Todos os trabalhos inscritos no Congresso de Fonoaudiologia são divididos por categorias como sessão de pôsteres (divididas em subcategorias) sendo atenção à saúde, audição e equilíbrio, ensino em fonoaudiologia, clínica de linguagem, fluência, linguagem adulto e idoso, linguagem criança e adolescente, voz profissional e voz clínica presentes nas categorias de Sessão de Pôsteres e Sessão de Temas Livres e mesas redondas, oficinas e cursos institucionais. No VII Encontro em Educação especial, os trabalhos foram divididos em apenas temáticas como o processo inclusivo na educação e sociedade, políticas públicas na educação especial, família, sociedade e deficiência entre outros. Foi realizado um fichamento em forma de tabela para quantificar todos os dados encontrados nas categorias para melhor visualização que possibilitou observar os resultados de textos publicados no total em cada categoria existente. Para a análise dos dados obtidos, foi desenvolvida uma segunda tabela com objetivo mais específico de quantificar e qualificar os dados encontrados cujo aspectos pesquisados atentou-se sobre a prática fonoaudiológica, a concepção de linguagem utilizada e visão de sujeito.

4. Resultado e Discussão

Com a busca dos resumos de anais apresentados nos últimos quatro anos do Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia e do Congresso de Educação Especial do ano de 2011 foi possível realizar uma boa comparação de informações, de acordo com variadas categorias e subcategorias, com os dois locais de publicação e movimentação de pesquisas mais utilizados por fonoaudiólogos e atuantes na área da surdez. Partindo das análises diante da perspectiva de visão de sujeito, sobre a prática fonoaudiológica e a abordagem seguida, encontrou-se as seguintes informações: VISÃO DE SUJEITO Observou-se que entre 72 (total deste tema) dos trabalhos apresentados, 51 referem-se aos sujeitos nomeando-os como Surdos e 21 referem estes sujeitos como deficientes auditivos. Já nos anais do Congresso de Educação especial, mostrou que entre 26 (total deste tema) dos trabalhos apresentados, 22 referem-se aos sujeitos nomeando-os como Surdos e 4 referem estes sujeitos como deficientes auditivos Se analisarmos a visão de sujeito sobre a perspectiva da surdez nomeando-o como sujeito surdo, deixam de ser visto como portador de uma patologia e passa a ser considerado em sua diferença, pois, ele pertence a uma comunidade minoritária que utilizam Língua de Sinais para a comunicação, com a mesma

capacidade de qualquer ouvinte (Harrison, Lodi e Moura 1997). Já o termo utilizado para nomear estes sujeitos como deficientes auditivos acaba por utilizar uma expressão que pode ser considerada uma visão médico-organicista; nela o surdo é visto como um portador de patologia, algo que precisa ser tratado (Behares, 1993, p.4) **PRÁTICAS FONOAUDIOLÓGICAS UTILIZADAS** Quanto a análise sobre as práticas utilizadas, os dados obtidos no Congresso de Fonoaudiologia, observou-se que 36 (dos 72) e 6 (26) do Congresso de Educação Especial, realizam a aplicação de testes para avaliarem a capacidade de seus pacientes, com a utilização de questionários para avaliar o que eles não sabem, desconsiderando o que eles realmente sabem. Estes dados mostram uma característica de uma atuação clínica que visa o sujeito como portador de uma patologia que dever ser quantificada para se obter resultados precisos para uma atuação também padronizada. Outros 10 trabalhos do Congresso de Fonoaudiologia e 22 do Congresso de Educação Especial, mostraram trabalhar com os sujeitos de uma forma onde consideram o que ela já sabe, o que o sujeito já traz de conhecimentos, com práticas que fazem sentido utilizando bastante imagens e figuras como apoio visual. Percebe-se que no Congresso de Fonoaudiologia o maior número de práticas estão sobre o ponto de vista reabilitador, diferentemente do Congresso de Educação especial que tem sua maior parte sobre uma atenção diferenciada ao considerar o sujeito e nas práticas utilizadas, mostrando-nos nitidamente as diferenças entre os congressos e práticas seguidas. **CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM UTILIZADA** No que se refere à concepção de linguagem, no Congresso de Fonoaudiologia, 33 trabalhos seguem a perspectiva oral, enquanto 16 não apresentam o tipo de abordagem seguida; somente 23 trabalhos seguem o Bilinguismo. Esses resultados mostram de qual maneira os profissionais estão trabalhando com surdos e quais concepções seguem, nos proporciona analisar o quanto ainda estas visões estão intrinsecamente ligadas aos métodos reabilitadores ou o quanto a atuação fonoaudiológica pode se colocar diferenciadamente em relação ao sujeito surdo como sujeito capaz de desenvolver-se como um todo.

5. Considerações Finais

A fim de concluir parcialmente esta pesquisa, percebe-se que entre os dois trabalhos analisados, apresentam questões específicas relevantes, que se diferenciam. Observou-se que no Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, os trabalhos inscritos em sua grande maioria são na categoria de Audição e Equilíbrio (sessão de pôsteres). Esse valor e a categoria apresentada por eles demonstra que os profissionais atuam de um modo que, visam à reabilitação do sujeito e buscam a adequação dos surdos a um padrão de normalidade, são poucos os trabalhos que seguem outra abordagem com uma visão Bilíngue. Já o Congresso de Educação Especial busca ampliar os temas e acaba considerando uma perspectiva sobre as questões de desenvolvimento rico da linguagem integral, capacidade de reflexão, desenvolvimento de questões cognitivas, uso efetivo de uma língua que pode vir possibilitar a compreensão de mundo e conhecimentos completos aos sujeitos surdos, torna-se um congresso que abrange diversos tipos de atuações bem como numa visão mais ampla de sujeito, diferente das pesquisas em outras vertentes. No total dos trabalhos pode-se notar que no congresso de Fonoaudiologia as questões trabalhadas com relação aos surdos se dá sobre a visão da reabilitação, de como tratar o surdo para colocá-lo o mais normal possível próximo aos ouvintes. Também se observa que o próprio modelo de Congresso leva os profissionais que atuam sobre estas perspectivas divulgarem os tipos de trabalhos de determinadas linhas que seguem uma visão reabilitadora, não gerando a demanda de outras visões e temáticas que trabalham sobre outras perspectivas de trabalho Fonoaudiológico. Diferente do congresso especial que relaciona questões quanto as deficiências e modos de lidar com a surdez mais abertamente. Possibilita outros focos de discussões que levam a mostrar questões sobre uma visão diferenciada de sujeito. Assim é possível perceber o quanto necessitamos de abertura para novas discussões e possibilidade em discutir modos e estratégias e até mesmo divulgação, ensino e pesquisa sobre como lidar com a surdez na fonoaudiologia, e que existem locais específicos para realizá-los, e por isto, nos coloca a pensar que todos os locais são locais para falar de outras concepções exatamente para gerar análises quanto ao que se produz. A importância desta discussão necessária para contribuir com o profissional fonoaudiólogo (a) sobre de que forma os locais de publicação e acesso à divulgação destas questões ocorrem, para que estes profissionais tenham a possibilidade de acesso a novas discussões, bem como divulgação de suas atuações com pacientes surdos.

Referências Bibliográficas

- BEHARES, Luis Ernesto. Nuevas corrientes en la education del sordo: de los enfoques clínicos a los culturales-Cadernos de Educação- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1993.
- DARAQUE, Samantha Camargo. Alunos surdos no Ensino superior: uma discussão necessária Gestão de riscos 2011. Dissertação (Programa de Pós Graduação em educação da UNIMEP) Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011.
- LACERDA, C. B. F. de; NAKAMURA, H.; LIMA, M. C. (Orgs) Fonoaudiologia: Surdez e abordagem bilíngue. São Paulo: Plexus. 2000.
- LODI, A.C.B., HARRISON, K.M.P., CAMPOS, S.R.L.de. Letramento e surdez: um olhar sobre as particularidades dentro do contexto educacional. In: LODI, A.C.B. e (orgs).Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação. 2002, p. 35-46.
- LODI, A.C.B; MOURA, M.C.de. Línguas de Sinais: Identidades e Processos Sociais. Grupo de Estudos e Subjetividade.ETD Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.1-13, jun. 2006.
- MOURA, M.C. de, LODI, A.C.B; HARRISON, K.M.P. História e Educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais. In: FILHO, L.O. Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Roca, 1997.

Visão de Sujeito

	Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia	Congresso de Educação Especial
Deficiente Auditivo	21	04
Surdo	51	22

Concepção de Linguagem

	Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia	Congresso de Educação Especial
Abordagem Bilíngue	23	17
Abordagem Oral	33	04

Prática Fonoaudiológica Utilizada

	Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia	Congresso de Educação Especial
Aplicação de testes	36	06
Outras práticas	10	22